

UMA VISTA DE CINTRA.

## UMA VISITA A CINTRA.

## II (-).

«VEDES o antigo palacio — disse o meu companheiro — indicando no fundo da villa os paços reaes — eis os muros alevantados pelo vencedor d'Aljubarota. Sentinella constante das maravilhas da serra, de pé ha quatro seculos, ei-lo edificio vigiando infatigavel, ei-lo dominando sem rival! . . . E quantos successos dolorosos ou risiveis, burlescos ou desgraçados, alli guardou o tempo entregando-os áquellas paredes anciaãs. Requebros de namorados e inchadas arrogancias, penas do coração, feros de soberbos, jactancias de presumidos e queixumes de infelizes, quantas vezes em turba mixta ondulastes no largo recinto e feristes os tectos reaes . . .?»

«Tal é o mundo — interrompi eu — estranho composto de bens e males, de razão e loucura, de gozos e de prantos, tal foi em todos os tempos . . .»

«E tal será sempre — accrescentou elle acabando o meu pensamento. Bastante devem de ter visto as mudas pedras do palacio, e bastante teem calado comsigo. Ah! que se ellas fallassem como nos poderiam contar bem a historia d'essas idades que passaram por alli derrubando no chão das sepulturas tantas cabeças que nobremente sobresabiam, como ellas nos contariam bem essa historia íntima, não gravada em paginas de marmore, nem consignada nas folhas d'uma chronica, nem trasladada por mão humana, mas derramada em suspiros vagos, em soliloquios ternissimos e affectuosos, em tantos olhares tão longamente perdidos, em misteriosas confidencias com Deus ou com a consciencia, que só vos tiveram por testemunhas a vós paredes fieis, em mil sussurros incompreensiveis que fugiam d'alma, por muito bastos e apertados — historia do coração que em cada uma de suas paginas invisiveis contem mais saber e meditar para a hu-

manidade do que todos os livros semi-ambiciosos, semi-especulativos, com que de dia em dia entulham a imprensa.»

«Que estranhos pensamentos são os vossos e em que disposição de espirito que estaes — disse eu cortando o fallar do meu discursivo companheiro pela segunda vez.»

«E que quereis que eu pense — acudiu elle — á vista desse vulto formoso, formosamente erguido ao místico alvor da lua e tão repassado de memorias antigas. Crede-me; a historia, a verdadeira historia de nossos pais, está escripta alli, alli e em todos os velhos monumentos. Que sabemos nós delles, pobres illudidos, que julgâmos alcançar tudo quando alcançâmos herdar algumas das suas palavras publicas, uns poucos de factos imperfeitamente conservados? E a sua vida, a vida do sentir e do pensar? . . . essa é que nos revelaria o que elles foram . . . —

«A historia assim é tão impossivel alcança-la dos nossos proprios contemporaneos como dos que já não vivem. Quem vai sondar o coração?» —

«Enganais-vos. Não se sonda o coração, é o coração que vem aos olhos e á boca muita vez e inadvertidamente na existencia particular e interior, e é isto o que nós não sabemos de nossos pais. Na historia julgâmos acertar e não passâmos de presumir. Sabemos alguma cousa do cortesão, do general, do magistrado, do plebeu ou do titulado, mas não sabemos nada do homem. Conhecemos as phrases, mas ignorâmos as idéas, porque essas só se depositam no coração que as guarda ou no marmore que as não revela. Pensais por ventura que os valentes de D. João primeiro — por exemplo: visto que aquelles muros bem alto fallam do seu primeiro fundador — pensais que os valentes do mestre d'Aviz tinham só braços e não tinham coração? Seus feitos d'armas conta-nos isso a que chamais historia, conta-nos o que foram e o que fizeram para que fosse

2.<sup>a</sup> SERIE — VOL. I.

(\*) Continuação de pag. 117.

contado; mas o que sentiam? Alli estava o homem para o futuro, isto é o homem apparente, exterior — aqui está o homem sem pertenções, o homem como elle é, íntimo e verdadeiro.» —

«Com essas vossas digressões ides longe do que de vós mais quizera saber.» —

«O que quereis saber qualquer vo-lo dirá. Que vale para a felicidade e mesmo para a vida o conhecer a data exacta de tal ou tal fundação? o nascimento d'um príncipe ou a relação d'uma batalha? Essas paginas pejudas de factos ou pueris ou insignificantes, essas que fazem ou que importam? Sobre-carregam inutilmente a memoria e atrazam a intelligencia. Amigo, longe de vos cançar com miudas descripções ou narrações fastiantas interrogue-mos antes os tempos e os monumentos que avistâ-mos, consideremo-los com o espirito, e se eu vaguear, se alguma vez me estender em considerações que pouco terão de descriptivas, desculpai-mo que a suavidade, a ternura e a melancholia desta vista que d'aquí gozâmos bem propria é para fazer fundir a alma em meditações e vagos pensamentos.»

A lua subia serena e magestosa, e naquellas pallidas e mysticas horas em que a natureza toda amor e arcanos parece orar a Deus nas profundas espessuras, eu conheci toda a verdade das cogitações do meu amigo, que se eram pouco ordenadas na apparencia tinham no fundo estampado o sello d'um sentimento verdadeiro. O silencio era geral em torno de nós, e só o interrompia compassadamente alguma harmonia solitaria que vinha do valle, e que misturando-se com o quasi mudo concerto da solidão subia até os nossos ouvidos encantados e ia reflectir-se no céu purissimo. O meu companheiro depois de ter, em momentos de absoluto recolhimento, admirado tamanhas maravilhas, proseguiu assim em quanto eu o escutava religiosamente. —

— «D. João 1.º, ó nobre fundador dessa real habitação, quantas vezes cançado dos teus trabalhos de rei, cançado de tratares as cousas de guerra e de paz com as duas firmes columnas do teu throno popular.— D. Nuno e João das Regras: rivaes contigo no melhorar o reino, rivaes entre si no servirlo e servir-te: cançado de pedir a um o soccorro do seu braço, e a outro o auxilio da sua penna, quantas vezes virias encerrar-te nessa tua presada edificação, para dares largas ao pensamento escravo, para soltares a vontade e o desejo prisioneiros do teu povo, e só livres quando ahí os vinhas libertar. Como ahí te correria a phantasia por cima desses penhascos! Como meditarias no que fizeras e no que te ficára por fazer? Como a tua grande alma desassombrada instantes do tamanho peso de um reino a conservar, d'uma sociedade a reconstruir, de mil ambições sempre excitadas no fazer e desfazer — d'uma dynastia a saciar ou a conter, a dirigir ou a moldar, como a tua alma se dilataria caminhando affloita de penhasco em penhasco e de idéa em idéa! Ah! foi uma obra grande a que fizeste, mas deixaste-a sem duvida por acabar. — Quem sabe se mudo contemplador das tuas bellezas, ó minha serra, á noute, quando mais poetica te ergues, sentado nos desvãos das antigas janellas, e alongando os olhos para ti tão varia e tão formosa, quem sabe se muitos dos grandes pensamentos que depois realisava, não foram elaborados na sua mente, só em presença de ti e da noute.»

«Tendes rasão. Muitas vezes a vista de um logar formoso absorvendo-nos primeiro em si toda a nossa attenção, nos leva depois por invisiveis caminhos

a um mundo todo de imaginações, aonde não é raro depararem-se algumas dessas idéas gigantes, que brotando vigorosas nos campos da vida, lá vão fazer espantar os homens no seu apparecer e desenvolver. —

«Não o duvideis, e para mim tenho eu que o mais cavalleiro dos nossos monarchas, e o primeiro que mostrou saber devidamente apreciar os feiticeiros attractivos deste sitio delicioso, acharia, certo, aqui inspirações que lhe elevassem o pensamento mesmo nas suas horas repousadas. Uma grande idéa germinava naquella cabeça grande, idéa que se elle vivêra ficaria escripta n'uma pagina immensa que seus filhos leriam com espanto. N'aquella casa pequena que edificára para si, traçára elle o risco, em face d'esse oceano solitario, de outra casa amplissima em que todo o seu povo pudesse caber á larga e viver sem mingua. Ceuta foi, no meu entender, a primeira letra da pagina: Ceuta foi a primeira chave da casa. A sequencia do passo já dado foi ou ignorada ou despresada, e o pensamento do grande rei morreu alli aonde ia principiar, e passou despercebido atravessando as gerações... E eis-ahi porque quizera que as pedras antigas tivessem voz e falla, que eu lhes iria perguntar a verdade do que acho provavel; importuna-las-hia para descortinar com o sentido verdadeiro de certas obras herculeas em que uma intelligencia poderosamente superior parece semi-revelar-se, mas que só podemos interpretar na base sem nunca chegarmos ao cimo. Achâmos a primeira letra; falta-nos a ultima: achâmos a parte; falta-nos o todo: achâmos a idéa; falta-nos o juizo.... Mas é impossivel: prosigamos. — É quasi seguro que D. João 1.º aproveitando a indole guerreira dos seus, a exuberancia de força e de vida que trasbordava do reino, e buscando dar caminho, conservando-lhe uma eschola, á propensão militar da sua nobreza, tentou estender Portugal para a Africa, isto é formar um vasto imperio de que as extensões d' Africa formariam o corpo e Portugal a cabeça, projecto fundado no mais justo calculo das conveniencias e dos recursos, projecto que de si mesmo tiraria os meios de vingar se o cultivassem com desvelo; porem não — principiado a brotar viçoso e bello como o logar aonde talvez nasceu, infesou-se e seccou como o arido terreno para onde o transplantaram! — Homem rei, e rei de homens, ao menos o teu nome não morreu, porque tu já tinhas feito muito, e essas paredes que ergueste ahí estão recordando a quantos as veem e recommendando a memoria do que acabaste na vida e do que deixaste na morte.

«Melhor sem duvida do que as estranhas tradições, que com tanta boa fé e credulidade conta a todo o visitador curioso o guarda do palacio, fazendo saltar de cada pedra, e reviver, quantas phantasticas visões vieram ás cabeças exaltadas dos seus predecessores, legadas sempre com accrescimento e juros de uns para outros.

«Respeitemos essas crenças do pobre guarda, espirito familiar da habitação real, que melhor que ninguem lhe tem tomado o misterioso sabor porque não a vê sempre ou povoada de curiosos, ou resumbrando grandezas, porque vive com ella na sua solidão e conversa com as ermas recordações que lá dentro só para elle teem vida e falla. Respeitemos as lendas que tão sinceramente nos conta. Se por inexactas não servem para a chronica dos factos, poderão por sensiveis servir para a poesia ou por provaveis ajudar a historia da intelligencia. En-

tre as mortas cinzas da tradição vulgar ou supersticiosa encontram-se muitas vezes bastas parcelas de fino ouro — vestígios de escondidos pensamentos cuidadosamente envolvidos no apparente grosseiro burel de populares preconceitos. Quem vos affiança que a sala das pegas de que o guarda vos contará uma comprida historia, não é um verdadeiro monumento do ciúme de uma rainha offendida. Na letra = *por bem* = que sahe dos bicos de cada uma, tão repisada, ha talvez uma ironia bem amarga, clara mostra de uma alma quebrada, rota, ferida nas suas mais intimas affeições, que entorna o fel, lá dentro tão derramado. A tradição por mais que vos pareça incrível é quasi sempre o deposito d'algum successo que por estranho mais se recommendará, e que no correr dos tempos e dos homens foi pouco a pouco deixando nas mãos que successivamente o recolheram uma parte do primitivo, simplicissimo vestuario, tomando do particular sentir e pensar de cada um novos atavios, que ás vezes por muito varios o tornam risivel. Descobri-a com cuidado, examinai-a, e mais ou menos, lá achareis uma parte provavel e muita vez tão subida que singularmente contrasta com a franca ingenuidade com que vos é contada. Segui o guarda, escutai-lhe os discursos e entrai com elle no pequeno quarto que tanto tempo serviu de prisão ao infeliz D. Affonso 6.º, rei que não tinha cabeça para corôa, que nasceu enfermo de corpo e acabou enfermo de espirito, victima da sua incapacidade e dos pessimos conselhos, ahi vereis os ladrilhos gastos do tão aturado passear do encarcerado, ahi ouvireis novas exaggerações; mas, dizei-me, quando entraes nessa casa não vos sentís tomado de inconceptivel affeição? não se vos aperta o coração? não vos doe n'alma a dôr da longa agonia do desgraçado filho de D. João 4.º e seu tão máu herdeiro, que parece ressumar das paredes escuras do triste aposento? — Ide depois contemplar a camera cercada de assentos de azulejo aonde a tradição vos contará que se effectuára a deliberação imprudente do rei mancebo, do tão generoso como desgraçado D. Sebastião — mostrar-vos-hão o logar em que se assentára o moço monarcha e seus conselheiros. . . . Calculadamente concluí em vós mesmo que em tão pequena casa não poderia ajuntar-se tão grave conselho, mas apesar de todas as vossas reflexões a tradição lá se alevanta diante de vós solemne e grande, lá vos mostra a triste guerra d'África, e a mais triste sorte do impetuoso mancebo, que se alli se não assentou em conselho, muita vez alli se assentaria a phantasiar sonhadas glorias que tão pesadas lhe sabiram. Parecer-vos-ha ouvir as vozes de tantos nobres e honrados cavalleiros que soando alli pela ultima vez deviam de ir, nas areas agarenas, troar pragas desesperadas e murmurar o derradeiro adeus tão saudoso á patria ausente. — Julgareis por toda a parte ouvir sussurrar os echos dos tenebrosos planos de D. João 2.º, o manhoso rival de Luiz 11.º de França, a quem tanta vantagem levou no animo valente e no espirito vasto; pensareis ouvi-lo concertando a ruina dos privilegios e isempções dos nobres já poderosos de mais para vassallos, com o seu fiel Antão de Faria, inimigo da nobreza como elle, e como elle partidista das novas idéas. Passar-vos-hão todas estas cousas pela mente e pasmareis depois de ver a mesma sociedade fundada por D. João 1.º, novamente moldada pelo seu bisneto; pasmareis porque esses homens por quem tantas obras se acabaram, todos, grandes vultos de

pé sobre o passado, todos ahi viveram, e pensaram. Nem de certo vos esqueceréis do feliz D. Manuel, cuja mão piedosa continuando a obra de seus antecessores, aqui ao vosso lado plantou a primeira pedra da casa de Deus, e alevantou uma habitação para os seus servos. Belem tinha já o seu magnifico mosteiro, e a frente da formosa Cintra era ainda calva e nua, estava no seu cimo a serra erma de orações em quanto na base lhe sobravam folgares; Cintra teve tambem o seu mosteiro, e os povoadores do nobre edificio de Belem repartiram-se para o pequeno e formosissimo hospicio da serra. Prosegui no examinar os paços anciãos aonde tantos teem vivido e achareis tambem quem vos falle desse rei aventurado cujo imperio principiava no Occidente e acabava no Oriente. — Cuidar-vos-lheis transportado á epocha do seu reinado e a memoria fiel vos representará os retratos gloriosos dos heroes da India appresentando curvados diante do monarcha as primicias de suas conquistas — vê-los-heis praticando com o soberano e contando-lhe seus trabalhos e soffrimentos, sua sublime constancia e a tenacidade inflexivel de seus propositos — vê-los-heis folgando por debaixo dessas chatas arcadas tão cheias de mysterio, e entretendo-se em palestras variadas em quanto a agua chovida ou repuxada borbulha brincando caprichosamente — vestigio do gosto dos arabes, tão apaixonados por todos os jogos d'agua. Visitai bem o palacio e a serra e vereis em toda a parte os memoriaes que cada rei e cada reinado lhes deixou em herança. Nenhum se esqueceu, nenhum por alli e por aqui passou sem doar lembranças. Nenhum; e essa mesma fundação de D. Manuel, o tão lindo mosteiro da serra por seus copiosos melhoramentos falla bem claramente d'elrei o Sr. D. Fernando, que seguindo o exemplo dos antigos soberanos tanto e tão intelligentemente o tem aformoseado. . . .

« Não ha duvida: o gosto do modernismo nada tem prejudicado a nobreza do antigo edificio. É ainda um monumento de outra idade com as suas feições distinctas, os seus grandes caracteres, mas é um monumento inteiro e a que chamarieis novo se lhe não visseis os illustres signaes de longevidade, religiosa e sabiamente conservados a par da consideravel melhoria por todo elle espalhado. — Honra seja a elrei, seu actual proprietario, que tão bom uso faz de tal propriedade e tanto e tão nobremente contrasta o geral insensato proceder deste seculo. Honra lhe seja o desvelar-se tanto pelas nossas cousas portuguezas que assim adopta e perfilha.

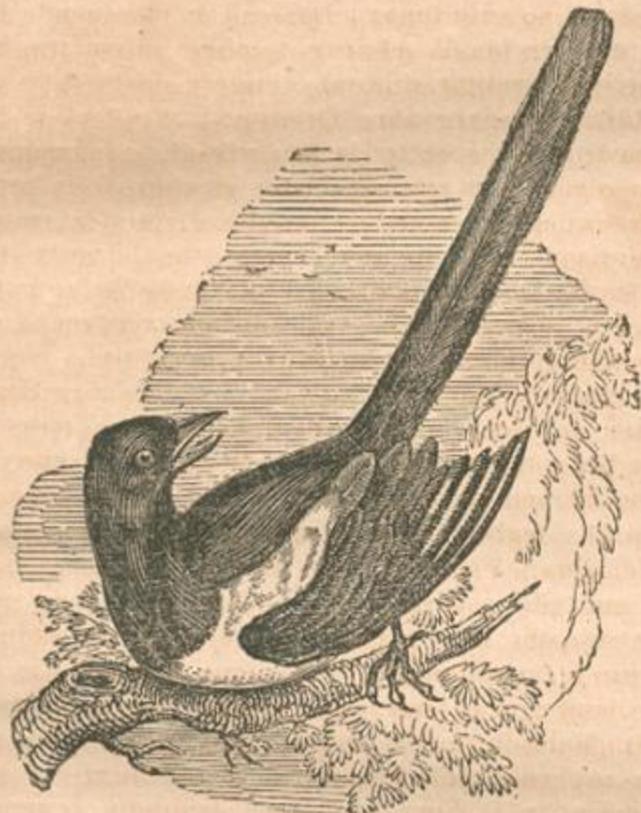
« Muito bem raciocinais: a piedade d'elrei na conservação e augmento do mosteiro, é uma vigorosa lição — assim a tomem! — Alongai porem agora os olhos pela serra, olhai esses penhascos: não vos dizem elles nada da formosura de uma princeza e da paixão de um poeta. Meigo e namorado Bernardim Ribeiro, quantas vezes teus ais do coração bateram nessas duras fragas a quem podéras calcinar com o fogo que te queimava, se te elle não queimasse! E lá ao longe a quinta de Penha-verde não vos está narrando memorias do seu nobre possuidor, tão probo e tão sisudo e tão mal pago. As arvores daquellas alamedas, cujos cimos movediços parecem render o céu que sobre ellas se encurva, foram socias dos palmares da India no dar sombra muitas vezes ao honrado D. João de Castro — a quem coubera aqui bem largo elogio, se maior elogio não fóra o seu nome e a sua fama. — Gloriam-se os seus descendentes

tes que tem de que tirar gloria! E tudo o que daqui avistámos não tem um echo no passado e uma voz para o futuro! — Cintra, minha formosissima Cintra, quem não te hade admirar, quando o mesmo Byron te admirou!»

Longo tempo nos levaria ainda o dar largas ao discurso, mas a perigosa nebrina já nos envolvia; eram horas de nos recolhermos.

Descemos.

[Concluir-se-ha.]



A PÊGA.

A PÊGA é muito commum em o nosso reino: habita pinhaes, soutos e devezas na proximidade das povoações; não ha provinciano que não a conheça, e nas cidades ha logistas que se comprazem em ter estas aves inquietas que pulam diante das portas, e são garrulas quando as ensinam, tanto que a sua tagarellice passou a ser proverbial, e os nossos vizinhos hespanhoes tem um annexim, que diz: *habla mas que una urraca*: palra mais que uma pêga. Devia ter origem este adagio antes do descobrimento do Novo-Mundo, não havendo então, ou sendo escaças, noticias do loquaz papagaio. Este veio desaposar as aves europeas, a que a organização da glotis concedia o privilegio de imitar as vozes humanas: tambem o corvo domesticado pronuncia algumas phrases rouquenhas, mas o papagaio americano levou a palma sobre os seus predecessores.

A pêga é de uma bella côr preta pela cabeça e azas, que vista a certa luz mostra reflexos furtivos, tem o ventre branco e uma mancha tambem branca sobre a aza; o rabo comprido e pontudo tem as pennas encamadas umas sobre outras, e a ave, bolicosa por indole natural, o move a seu bel-prazer. É omnivora, estraga toda a casta de grãos, e tem a audacia de acommetter pintos e perdigotos; sobre tudo faz grande devastação nos ovos das perdizes e de outros passaros, quando os descobre. — Na construcção do ninho usa a femea de grande artificio; só lhe deixa uma aberta quanto baste para entrar e sahir, cobre-o com uma especie de cúpula com sua claraboia, que entretece de raminhos

espinhosos, acolxoa o fundó com fêveras de laã quando as acha, ou com o cotão de algumas plantas, para predispor macia cama á prole. — Tão commum é nos paizes meridionaes, e até na Inglaterra, quanto rara nas regiões do norte: os noruegueses reputam a apparição de uma pêga como presagio de mortes. — Nas provincias do norte da Graã-Bretanha reina entre o povo uma preocupação singular: se descobrem uma pêga solitaria é signal de máu agouro, um par dellas annuncia ventura, sendo tres é ameaço de morte, mas se apparecem dois casaes presume-se que ha casamento na aldêa. Todos os camponezes, em todas as nações, tomam crenças supersticiosas de objectos naturaes, que por serem a miudo vistos os deveriam desenganar: conjecture-se daqui os males que produz a falta de instrucção. Deprava-se a moral por ignorancia dos preceitos religiosos e das leis civís: acredita o povo absurdos, porque lhe não ensinaram a observar a natureza. Nas escholas primarias de leitura, nas instrucções do parochio, está o remedio; escolham-se e paguem-se mestres, multipliquem-se as escholas e os livros de succintos e exactos rudimentos; consigam que os curas d'almas tenham saber e não pereçam de fome: e veremos se com o tempo o povo crê em mais alguma cousa que não seja dogma da Fé, dever social ou domestico, e a verdade dos factos.

CARACTER NOBRE E CAVALLEIROSO DO TEMPO D'ELREI  
D. JOÃO 1.º, O DE BOA MEMORIA.

A EPOCHA da dinastia d'Aviz em Portugal comprehendendo quatro reinados e pouco mais d'um seculo de duração, foi como todos sabem um periodo de gloria, d'honradez, e de virtuoso progresso em todos os ramos de civilisação: triumphos militares, e reformas na arte da guerra; conquistas e descobrimentos maritimos; confecção do primeiro codigo nacional; organização da marinha, e regulamentos respectivos; politica illustrada e firme tanto interna como externa; honra e consideração ao merecimento nas armas e nas letras; magnificencia, e primor nas construcções d'architectura; amor da justiça e da paz domestica nos monarchas; respeito e affeição filial dos subditos para com aquelles; isto tudo, e as demais felicidades que costumam acompanhar os estados assim constituídos, tornava a nação portugueza como uma só familia unida e venturosa, modelo e inveja das outras nações. Regala recordar ainda nas paginas da historia desse tempo dourado o que fomos, e o porque eramos então grandes e felizes: costumam os estrangeiros ignaros de nossas venturas passadas dizer que se póde aprender a lingua portugueza para lèr o só Camões; o privilegio da poesia, o brilhante atavio das musas nos salvou ainda por este lado da proscripção da ignorancia. Se elles soubessem entender, e apreciar os thesouros encerrados nas obras de Fernão Lopes, de Gomes Eannes, de Ruy de Pinna, d'Osorio, de Garcia de Resende, de Damião de Goes, de Couto e Barros, e de tantos outros escriptores admiraveis daquelle tempo achariam melhor fundada rasão do aprenderem nossas cousas.

Mas aqui não é o logar de fallar dellas senão ligeiramente: é um rio caudaloso que não cabe em acanhado leito; tiremos d'elle um fio d'agua pura e cristalina para indicar a nossos leitores o precioso sabor daquelle torrente. Fallemos agora sómente

daquelle espirito nobre e cavalheiresco daquella epocha ainda no seu comêço; daquella generosa grandeza que se comprazia em acções briosas, e que no meio, muitas vezes, do estrondo e horrído furor dos combates voltava placida e benevola, e risonha mesmo, a uma amavel e culta cortezania. Eis aqui alguns exemplos. — Era no ultimo dia do mez d'agosto de 1384 e quatro mezes completos d'apertado sitio, achava-se a monarchia portugueza encerrada toda nos muros de Lisboa; dentro della o grande mestre d'Aviz [elrei D. João 1.º depois] defendendo-a contra elrei de Castella que do alto da sua torre de madeira no seu arrayal de Santos-Velho, via desdobrar sua immensa linha sitiadora, e mandava seus grossos batalhões, e formidavel armada apertar os cercados, e dar-lhes rebate a cada momento. Haviam-se esgotado todos os ardis de guerra d'uma e d'outra parte; os flagellos, companheiros fieis do primeiro de todos, ceifavam já nos dois campos com espantosa colheita; as doenças da peste no arrayal castelhano, e a fome e a doença dentro dos muros de Lisboa. O dia 27 d'agosto, diz Fernão Lopes, havia sido de grande trabalho; era um sabbado, em que os bateis e gallés castelhanos ao romper d'alva começaram de vogar desde Santos, e vieram atracar as náus e gallés portuguezas ancoradas junto dos muros da cidade; e para mascarar o movimento naval o conde de Mayorga, um dos primeiros cabos castelhanos, veio fazer falso ataque á porta de Santa Catharina [ahi pelo largo das duas igrejas hoje]. Foi terrível o conflicto no Tejo, e os bons lisbonenses esqueceram a fome, e o espectáculo da assolação interna para correr ás torres e aos muros, e rebaterem os assaltos do inimigo. Pois bem; tres dias apenas passados, depois desta cruel e quasi perfida trepolia, eis a scena que se representou no meio da moribunda Lisboa: viu-se chegar ás portas da cidade um cavalleiro mancebo acompanhado de alguns escudeiros; vestido aquelle de festa, e os outros de armas brancas como servindo-lhe d'escolta; e chegando a pouca distancia da porta sobredita parou. Viu-se simultaneamente sahir da casa do fallecido conde d'Arraiolos dentro de Lisboa uma formosa e gentil donzella, montar a cavallo n'uma mula seguida de outras donzellas que a serviam: o mestre d'Aviz e o conde de Neiva D. Gonçalo Telles de Menezes tomando cada um delles a mula pela redea, a pé e com grande e luzido sequito assim foram conduzindo a linda dama até a porta de Santa Catharina, onde adiantando-se o cavalleiro que a estava esperando, a tomou no meio da sua guarda depois de muitas e graves mesuras e ceremonias que fizeram reciprocamente os conductores. — Era isto nada menos que um casamento: o joven cavalleiro era o filho do conde de Mayorga, daquelle que havia tres dias viera para escallar os muros e forçar aquella mesma porta da cidade cercada: a dama era a filha do conde d'Arrayolos fallecido durante o sitio, a formosa D. Beatriz de Castro, que ia celebrar suas vodas no campo inimigo. Ora nem as repugnancias naturaes em tal caso, nem os males soffridos, nem a pessoa do noivo tão hostil, nem as recordações da pouca affeição que professava ao mestre o conde d'Arraiolos quando vivo, foram parte para que deixasse de ter logar uma tão nobre, e amavel cortezania. —

Haviam mudado as scenas essencialmente nos dois annos que decorreram: elrei D. João 1.º sahi-

ra triumphante da primeira luta; aclamado em Coimbra, vencedor em Aljubarrota, expulsos os exercitos castelhanos, dedicou-se a cobrar uma a uma as praças de guerra occupadas ainda por guarnições inimigas e defendidas por grandes senhores que tomaram o contrario partido: foi pouco e pouco marchando do centro para as extremidades até que no mez de janeiro do anno de 1386 foi assentar seu arrayal sobre a fortissima praça de Chaves onde commandava Martim Gonçalves d'Ataide muita e aguerrida força augmentada pelos soccorros que foram d'Orense e Monterrei. O assedio foi longo, a resistencia tenaz; D. João 1.º mandou estreitar o cerco pondo em acção todas as machinas de guerra da antiga e nova tactica: enormes e altas bastidas equiparavam com os muros, e os sitiados eram repellidos de todas as sortidas, e privados até da agua do rio que banhava os muros da praça; havia chegado a estação calmosa, e sentiam já o suplicio da sêde, como Tantaló, tendo em vão debaixo dos olhos com que podessem sacia-la. Foi então que o monarcha cavalleiro, conta Fernão Lopes, sabendo que o governador da praça tinha consigo sua mulher D. Mecia Lopes, uma fidalga illustre irmã de dois de seus principaes cavalleiros que alli tinha D. Gonçalo e D. Fernão Coutinho, enviava galantemente todos os dias aquella dama uma cantara d'agua fresca. E depois que os recursos da praça foram escaceando todos, menos a vontade e bisarria dos defensores, mandando D. Mecia pedir licença para sahir, e recolher-se a Monterrei, não só lhe facultou e á sua comitiva a permissão d'atravessar seu campo, mas tambem lhe enviou para acompanhá-la seus dois irmãos, que acabada a commissão, voltaram ao arrayal a continuar na lide, conforme os primores da sua lealdade e palavra de cavalleiros.

Poucos annos depois, concertára-se o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, fronteiro do Alemtejo, com o mestre d'Aviz para fazerem uma entrada na Estremadura hespanhola, e vingar hostilidades que nos havia feito o mestre de Santiago de Castella. Era no mez de dezembro; atravessando o Guadiana vai pôr seu arrayal á vista de Caceres, logar principal da ordem por aquella banda: e dahi despede corredores por diferentes povoações tomando gados, generos e prisioneiros sem que os seus contrarios ousem vir encontra-lo: n'uma noite os guardas do campo iam dizer ao condestavel que dez cavalleiros castelhanos pediam licença d'entrar no arrayal: eram, diz o chronista, dez bons homens fidalgos que vinham sómente vêr o condestavel: recebeu-os este com a maior urbanidade, deu-lhes de ceiar; e depois disto se foram.

No anno de 1411 passava elrei para a tomada de Ceuta com sua frota de 376 vellas á vista de Tarifa, onde estava governador por Castella um fidalgo portuguez descontente, Martim Fernandes Porto-Carreiro, irmão da condeça D. Guiomar que seguirá a voz por Castella: este vendo alli sobre ferro a armada real, mandou-lhe por seu filho gados e refrescos, que elrei D. João recusava. O brioso mancebo então á vista da frota e alli mesmo na praça mandou matar á espada e ás lançadas as rezes que levava vivas, e depois se foi deixando-as estendidas pelo chão: vendo elrei e avaliando a bisarria do despique, mandou toma-las e agradecer o presente.

J. C. Neves e Carvalho.

A BATALHA D'ALCACER-QUIVIR, E A INVENCIVEL  
ARMADA.

NASCERA elrei D. Sebastião com animo esforçado, e espirito altivo. Amava os exercicios marciaes, as emprezas arriscadas, a relação dos feitos heroicos. Fomentavam-lhe seus mestres esta propensão natural com os livros por onde lhe ensinavam, e os exemplos da historia que iam insinuando na alma docil do real pupillo. Fallavam-lhe d'Africa, essa terra inimiga do nome christão por antipathia de crenças; e do nome portuguez por antagonismo de raças, e resentimento de armas. Ouvia de continuo accusações estudadas contra seu avô por ter largado aos mouros as praças d'Arzila, Zafim, Azamor, e Alcacer. Traçavam industriosamente na sua presença o parallelo entre D. João 3.º que abandonára (ao que inculcavam, sem necessidade] aquelles pontos tão importantes, e elrei D. Duarte, que nem Ceuta unica se atrevêra a entregar em resgate do infante D. Fernando: homenagem, se pôde dizer, *inspirada* em honra daquella praça, que tinha de ser a primeira aurora dos nossos descobrimentos no Oriente. E o principe seduzido destas praticas, e de seu proprio coração, ensaiava-se [como então lh'o consentiam a idade e as circumstancias] para emprezas mais serias: — correndo touros; monteando porcos; jogando canas; fazendo justas e torneios: — destrissimo em todas estas lides. Com taes disposições conformavam a robustez da constituição e forças naturaes d'elrei. Conta-se que cortava d'um golpe duas tochas de quatro pavios; e que nas teas meneava as lanças com ligeireza como se fossem varas delgadas. Se um javali perseguido se voltava contra elle na carreira, passava-o de uma só lançada. Ao cavallo mais possante opprimia por modo entre os joelhos que o animal soçobrava. Assim entretido, nas coutadas de Salvaterra e Almeirim de verão; de inverno na serra de Cintra—passava a maior parte do tempo, desamparados os negocios publicos. Afoito e temerario na terra, não o era menos no mar, onde por divertimento ousava perigos, e afrontava tempestades, por maiores que fossem.

Governava ainda o reino a virtuosa rainha D. Catharina: mas não tinha força para arredar o rei de um modo de vida, tão arriscado como pouco conveniente ao decoro do monarcha, e aos interesses da monarchia. Quem era o mestre, o valido, o mentor do principe? O jesuita, Luiz Gonçalves, depois seu confessor. Este com outros da sua manga fabricaram em volta d'elrei como uma muralha, a que não podessem entrar os avisos dos homens cordatos. Aconselhavam-lhe o exercicio da caça pelo mais proprio para fortalecer o corpo á guerra; trazendo-o assim por entre brenhas e mattos, ausente da córte, para elles mandarem á sua vontade. Prégavam-lhe umas maximas hypocritas de castidade com que o afastassem do matrimonio; com que o mantivessem n'um celibato talvez concertado para fins politicos; com que a elles lhes durasse mais o valimento e o poderio. Tão encantado e sujeito tinham a elrei, que nem queria comer com a rainha, só porque a serviam as damas á mesa!

A rainha magoada do máu caminho por onde levavam o filho e iam levando o estado, e das intrigas que perfidos cortezãos tinham semeado entre ella e o monarcha — largou as redeas do governo ao cardeal infante, D. Henrique [1562]: velho im-

becil, tão sequioso como incapaz de dominar! Aos jesuitas que já privavam com elrei appensou um outro — o jesuita Martim Gonçalves — irmão de Luiz Gonçalves — e com o cargo de escrivão da puridade, e suprema jurisdicção nos negocios de justiça!

A corôa estava assim entregue aos dois irmãos: o principe entregue aos seus pensamentos d'Africa: pensamentos inquietos que o agitavam cada hora, que lhe devoravam o repouso, a reflexão, e a mocidade: paixões que fermentavam terrivelmente no tempestuoso coração do mancebo; ás quaes a educação, acanhada por ignorancia e por maldade, não tinha deixado aberta senão uma porta unica — e essa porta, por onde sabiam impetuosas e precipitadas, franqueando precipicios, conduzia á ruina do estado. A educação physica do principe fóra encarecida; a educação moral viciada; a intellectual comprimida.

Sendo tantos os estímulos, e nenhum o correctivo, como havia de resistir ao impeto da idade? Parte a Africa [1574]. Ir e recolher-se quasi foi acto continuo. Deu alvoroço esteril aos fronteiros, rebate aos inimigos, e denuncia da nossa fraqueza. Voltou sem gloria; mas ao menos sem desastre.

Voltou a prevenir-se para partir de novo — mais determinado, mais entusiasta, mais ardente do que tinha ido.

Manda Pero de Alcaçova a Castella a tratar da guerra, e do casamento com a filha d'elrei Philippe. Parte elle mesmo a ver-se com o monarcha, seu tio, em Guadelupe [1576]. Alli praticam sobre os dois pontos. O astuto Philippe finge, a principio, querer dissuadi-lo de fazer a guerra por sua pessoa. Contava com a pertinacia do sobrinho. Cedeu facilmente a ella; rematando por elogiar-lhe o intento. Prometteu-lhe enfim a filha por esposa, e ajuda-lo no jornada d'Africa com 50 galés, e cinco mil homens. Promessas que não haviam de ter cumprimento — promessas de Philippe de Castella a Sebastião de Portugal — do velho ambicioso, que cubicava uma nova corôa, ao mancebo sem conselho que havia de perde-la com a vida! Quiz a Providencia que a esta entrevista dos dois reis, para toma-la mais ironica, não faltasse o duque d'Alva; e que Sebastião offerecesse o commando supremo das tropas d'Alcacer-quivir ao guerreiro, cuja espada havia de metter no senhorio de Hespanha o sceptro religioso do finado d'Africa! (\*).

Desenganado, pouco depois, [1578] do auxilio offerecido por seu tio, voltou-se todo para outros recursos: impetra de Gregorio 13.º a bulla da cruzada; depois as terças das igrejas e emphyteuses, sobre as quaes se compõe em lhe dar voluntariamente a igreja 150 mil cruzados. Levanta, por um como emprestimo forçado, dos judeus, dos preladados, e seculares ricos, sommas consideraveis. Cobra pedidos, lançados pelos povos e mercadores. Toma para a fazenda o trato do sal. Arrecada com

(\*) Finado d'Africa, ou fallecido em prisão d'estado na Europa? E' ponto de duvida para alguns, e entre esses, para os que no mausoleu do convento de Belem lhe pozeram o epitaphio:

*Hoc jacet in tumulo (si vera est fama) Sebastus,  
Quem dicunt Lybicus occubuisse plagis.*

Se as inscripções funerarias se hão de tomar por oraculos de verdade, e crer como as derradeiras palavras do moribundo, são incertos o logar, o modo e o tempo desta morte.

diligencia, ou empenha as rendas e contratos nacionaes. Augmenta [achaque economico daquellas eras] o valor da moeda. Recruta tres mil tudescos em Alemanha; dois mil soldados em Castella; em Portugal nove mil. Ordena uma bandeira de aventureiros em que se alistaram mil soldados, uns fidalgos da primeira linhagem, outros cavalleiros honrados, e todos veteranos na milicia, e provados no esforço. Ajunta entre homens de cavallo e gastadores, tres mil. Toma ao serviço como auxiliar a gente de uma esquadilha italiana, que o temporal trouxera ao porto de Lisboa. Ao todo reunindo mais de 25:000 homens de peleja (\*\*): mas bisonhos, e mal armados a maior parte: raros de arcabuzaria: os capitães pouco experimentados: os aprestos e machinas de guerra nenhuns, ou quasi nenhuns.

Se este apercebimento era inadequado á magnitude da empresa, e dava fraca idéa da prudencia do guerreiro: o chefe d'uma nação que assim ia, sem successor, aventurar-se longe da patria no lanço d'uma batalha, mal sabia apreciar as obrigações do rei.

Era contraste notavel o afincio com que os corteões, instrumento do cardeal; o cardeal, creatura de Philippe; e Philippe, escravo de sua politica tortuosa e sagaz, estorvavam o casamento do monarcha — e a providencia com que o braço popular dos tres estados, já nas córtes de 1562, dava á rainha, então governadora, o seguinte apontamento: «Que case elrei, postoque não tenha idade; e seja em França, e a mulher se traga e crie neste reino.» Neste apontamento se revelava a perspicacia do instincto, e o sublime do patriotismo das multidões. Parecia o grito prophético; a interjeição dolorosa de um povo que antecipava a mais tremenda calamidade. Era o bramir longinquo do Oceano. Era o negrejar imperceptivel no extremo dos horizontes. Aviso do céu a precaver-nos da tempestade imminente! Mas a Sabedoria Eterna tinha resolvido em seus decretos que fosse baldado.

Embarca para onde o guiavam seus fados o principe desaventurado. Sinistros presagios o acompanham nesta viagem. Ancóra em Lagos, e quando ao surgir manda levantar a ancora, apenas os forçados começam de vogar, apparece-lhes um homem morto, atravessado no esporão da galé! Domingos Madeira, seu musico, canta-lhe pelo mar o romance melancholico: *Ayer fuiste rey d'España: hoy no tienes un castillo!* Era por fins de junho de 1578.

Aos 4 d'agosto do mesmo anno elrei D. Sebastião estava apagado da lista dos vivos, e o exercito portuguez dispersava-se, completamente roto e desbaratado, nas ardentes planicies d'Africa. Aos 16 de abril de 1581 era Philippe aclamado pelas córtes de Thomar, e tremulava sobre as fortalezas de Portugal a bandeira de Castella. Aos 30 de maio de 1588 sahia do porto de Lisboa a *invencivel armada*: e Inglaterra tremendo sentia vacillar a sua fortuna e a sua independencia na presença de um tal aggressor (::).

[Continúa].

A. de O. Marreca.

(\*\*) Assim o affirma Fr. Bernardo da Cruz, capellão-mór da expedição: mas Pedro de Mariz, escriptor tambem contemporaneo, diz, nos *Dialogos de varia historia*, que os combatentes não chegavam a 12:000.

(::) Vid. a relação das vellas, artilheria, munições e bastimentos desta armada a pag. 262 do nosso vol. 3.º

A Luz.

(Concluido de pag. 274.)

DEVEMOS a Newton a decomposição da luz mediante o *prisma triangular*: este instrumento não é mais que um pedaço de vidro, que de ordinario tem seis a oito pollegadas de comprimento, solido, facetado em tres faces de iguaes dimensões, que ao juntarse formam tres arestas ou linhas rectas. Deixando-se que um raio solar entre por um buracinho feito no postigo de uma camara inteiramente obscura, e pondo o prisma de fórma que nelle vá bater o raio de luz, este se refrangirá; mas em vez de produzir uma imagem redonda no plano destinado a recebê-lo, [por exemplo, a parede fronteira] e que estará pela banda detraz do prisma, dará na projecção uma imagem alongada, terminada lateralmente por duas rectas horisontaes e nas duas extremidades por semi-circulos. Esta imagem, que denominam *espectro solar*, manifestará sete côres, dispostas na ordem seguinte, de cima para baixo: *violete* [ou rôxo], *indigo* [ou côr de anil], *azul*, *verde*, *amarello*, *côr de laranja*, *vermelho*: este ultimo raio é o menos refrangivel, o alaranjado é mais refrangivel, o amarello ainda mais que o segundo, e assim por diante até o violete, que é o mais refrangivel de todos os sete. Newton, tendo dividido a totalidade do espectro solar em 360 partes, achou que o violete occupava 80, o indigo 40, o azul e o verde qualquer delles 60, o amarello 48, o alaranjado 27, e o vermelho 45.

Prova-se que cada um destes raios é simples, porque se os receberem successivamente n'um segundo prisma o atravessarão refractando-se segundo o seu grau de refrangibilidade, mas de nenhuma fórma serão alterados, conservando cada um delles a sua côr. Por outra parte, se podesse duvidar-se que os sete raios corados fossem as partes constituintes do raio solar ou da luz branca, uma facil experiencia o demonstraria invencivelmente: com effeito, se por meio de sete espelhos se fizerem convergir todos esses raios corados sobre o mesmo ponto, de novo se obterá a côr branca: devemos portanto concluir que o raio solar não é simples, que se decompõe em sete diversamente corados, e que estes raios elementares não são igualmente refrangiveis.

Quando um fasciculo de raios luminosos chega á superficie de um corpo, ainda que este seja muito penetravel pela luz, a maior parte dos raios penetram é verdade esse corpo, mas muitos são reflectidos e alguns dispersados. O numero dos raios reflectidos é tanto maior, quanto o angulo da incidencia fôr mais aberto; ao contrario o dos raios dispersos augmenta na rasão da approximação á *perpendicularidade*. Pelo que, se um jacto de luz, composto de mil raios, cahir sobre a superficie da agua, fazendo com esta superficie um angulo de 5º [o angulo suplementar será de 175º], neste caso o numero dos raios reflectidos será de 504; o angulo recto [de 90º] não reflectiria senão 18. Se a experiencia tiver logar sobre a superficie do vidro, de que se fazem espelhos, então o angulo de 5º reflectirá 543 raios por cada mil, e o de 90º só reflectiria 25. Ha pois sempre reflexão na superficie dos corpos, ainda os mais transparentes.

Por outra parte, quando a luz chega á superficie de um corpo não transparente não é inteiramente reflectida; é sempre absorvida uma parte, e é

o effeito desta absorpção que produz a *coloração* dos corpos: os que absorvem mais luz adquirem uma cor preta: os corpos que reflectem a maior parte do fasciculo ou feixe luminoso gozam da cor branca. Perceber-se-ha agora que as outras cores dependem da natureza do raio elementar que se acha reflectido depois da absorpção dos outros raios; assim, um corpo parecerá amarello, ou verde, ou vermelho, se absorver todo o fasciculo de luz, excepto o raio amarello, ou o verde, ou o vermelho.

Se introduzir-mos um raio de luz n'uma camara obscura, como supozemos para a experiencia do prisma, recebendo-o sobre um plano perfeitamente liso, disposto de maneira que seja facil observar o effeito do raio na superficie deste reflector, achar-se-ha que o raio luminoso é reflectido segundo as tres leis, que vamos enunciar: — 1.<sup>a</sup> o raio incidente e o raio reflectido são sempre comprehendidos no mesmo plano perpendicular á superficie que reflecte: — 2.<sup>a</sup> o raio incidente e o raio reflectido formam sempre, com a superficie que reflecte, angulos iguaes: emfim destas duas leis póde deduzir-se a terceira geralmente conhecida, e que encerra a expressão de todos os phenomenos luminosos; vem a ser que na acção de um raio de luz, que se acha reflectido por uma superficie lisa e polida «o angulo de reflexão é igual ao angulo d'incidencia.»

Póde tambem observar-se que os objectos vistos pelo effeito da reflexão tem uma situação inversa da sua natural posição: basta que qualquer olhe para um espelho para se convencer desta verdade: a imagem reflectida mostra-se distante da superficie do espelho, e como que é produzida na grossura, no fundo do corpo que a reflecte; segundo esta lei — «a superficie do reflector é igualmente distante do corpo que se lhe apresenta e da imagem reflexa.» Por esta razão é que parece que as arvores ou edificios, reflectindo-se na agua, tem mergulhados os vertices no fundo do liquido que as reflecte.

A reflexão explica-se facilmente pelo systema das ondulações (\*). Com effeito, sendo o ether luminoso extremamente elastico deve ser repercutido com energia pelos corpos solidos: tambem facilmente se comprehende que é necessario que esses corpos sejam perfeitamente lisos, de outro modo as *ondas de luz* seriam recambiadas n'uma infinidade de direcções differentes, de sorte que a reflexão, em tal caso, se não tornaria sensivel pela formação de uma imagem regular: mas quando o plano que reflecte é perfeitamente liso e fórma com os raios luminosos um angulo de pequena abertura, todas as ondas que chegam á sua superficie dão de si e são energicamente repercutidas assim pelo effeito da elasticidade propria, como pela força elastica do plano, sobre o qual fazem sempre o angulo de reflexão igual ao de incidencia.

Porem o corpo mais polido é ainda assim extremamente escabroso em relação á tenuidade do ether; grande numero de ondas de luz devem cahir nas rugosidades, quebrarem-se e reflectirem-se irregularmente; cada um de seus pontos deve tornar-se um centro de movimento para o ether que se achar contido entre essas mesmas rugosidades; dahi procede ser grande numero de raios expellido para todos os lados: é ao que se deu o nome de *dispersão*. É evidente que quanto menos perfeita fór a lisura do plano que reflecte, ou quanto mais perpen-

dicular o raio incidente, tanto maior será o numero das ondas que se quebram, e tanto menos clara ou distincta será a reflexão; ao contrario, quanto mais perfeitamente polido fór o plano, ou quanto mais obliquo o raio, tanto mais as ondas reflectidas serão numerosas.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*A Redempção: Poema epico em seis cantos, por um Ecclesiastico do Bispado de Leiria.* Lisboa 1842: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. — 12.<sup>o</sup>

SE a epopea ou poema epico é [segundo a definição dos criticos antigos] «a imitação ou quadro d'uma acção heroica, importante e grande, tratada com estylo magnifico e em verso heroico» que acção se tem praticado no mundo mais digna daquelles epithetos que a Redempção do genero humano pelo Unigenito de Deus? É na verdade tão sublime e estupenda que não carece das chamadas *máquinas*, ou *maravilhoso*, que a imaginação dos poetas muitas vezes cria em outros poemas. Alem disso a portentosa vida de Jesu-Christo na terra é tão abundante de poesia divina, de lances de caridade, de amor, de soffrimento e resignação, que devia naturalmente convidar o estro ligado á piedade christã.

Grandes poetas tem tratado assumptos sacros em composições ou extensas ou breves; notorios são os exemplos, se para justificar a escolha do objecto fosse necessario produzi-los. Todavia citaremos [por menos conhecidos] tres poemas portuguezes, volumosos bastante, o *Virginidos* por Barbuda; o *Adam remido* por Vicente Carlos de Oliveira; a *Assumpção* por um religioso franciscano, que o estampou no Rio de Janeiro já no seculo actual. O primeiro é em oitavas, metrificacão que tambem adoptou o A. da obra, que annunciámos agora, seguindo prudentemente o que deixou escripto o nosso philologo, Pedro José da Fonseca, a pag. 232 dos *Elem. da Poetica*: «Pelo que toca á lingua portugueza tem-se por mui seguro que a *oitava rima* [pelo feliz successo com que della se serviu Camões e Gabriel Pereira] se deve com propriedade applicar ao poema epico.»

É nossa opinião que o pequeno volume — *A Redempção* — agradará ás almas devotas; alem do que na actualidade é mui valioso, por convidar á lição do Novo Testamento, que todos os fiéis devem estudar e meditar. Para corroborar esta segunda asserção, applicaremos com justiça ao presente tempo as seguintes expressões de um dos nossos mais insignes prosadores. — «E seguir-se-ha tambem acudirmos com antidoto appropriado ao mal da profanidade e infinidade de livros que cada hora sahem por todas as provincias, cheios de fabulas e ociosidades, estragadoras daquella pureza dos bons costumes antigos, que tanta saudade nos fazem. Assim faremos remedio de livros contra livros, como nos ensina a natureza a compor triagas das viboras e serpentes mais venenosas para defensivo dellas mesmas: que na verdade se em algum tempo foi conveniente fazer a gente espiritual grandes empregos de estudo e trabalho em escrever, a idade em que vivemos não só o está pedindo, mas obrigando e forçando a todos os que para si tem qualquer talento, e do bem commum algum zelo.» — Fr. Luiz de Sousa. L.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> da H. de S. Dom. pag. 2,

(\*) Vid. a pag. 273.